

ANÁLISE DO MOMENTO HISTÓRICO

1. Proposições principais

- a. Toda conjuntura é fruto de uma estrutura
- b. Todo olhar é um olhar, fruto de uma opção
- c. Acrescentar o olhar evangélico ao olhar analógico

2. Um olhar sobre os acontecimentos, hoje

Acontecimento 1 – O Japão se militariza

Proibido constitucionalmente de ter um ministério da defesa e se armar, o Japão tem agora, no Parlamento, uma emenda constitucional a ser votada, permitindo-lhe armar-se para a guerra. A presença atômica da China e da Coreia do Norte são argumentos.

Entretanto, a lembrança das atrocidades japonesas na chamada 2ª. Guerra sino-japonesa (1937-1945) ainda estão presentes, e se mantém até porque o Japão se nega a assumi-las ou pedir desculpas.

Acontecimento 2 – Temos um novo Califado?

Era de se prever algo assim. Primeiro a Inglaterra, depois os Estados Unidos na aliança geo política e econômica com Israel criaram o sentimento anti-ocidental e fundamentado na religião e um povo árabe que só não é mais forte em função de suas divisões religiosas internas.

Alguns grupos de jovens revolucionários sunitas acabam de criar o “califado”, depois de 90 anos de sua extinção por Mustafá Kemal (Ataturki). Toda a verdade, toda forma de agir, de se vestir, de viver está no religioso. A Jihad (Guerra Santa) é a sua proposta para todos os islamitas.

Acontecimento 3 – Israel x Palestinos

Desde a resolução 181 da ONU, em 1947, não cessaram as guerras. Neste momento, Israel ataca a Faixa de Gaza com bombardeios ininterruptos, já matando quase duzentos palestinos, exigindo que o Hamas deixe de atacá-la como o fez antes dos bombardeios, que geraram a morte de 3 jovens israelences.

Israel é potência atômica. Pode atacar o Irã a qualquer momento.

Acontecimento 4 – A África das etnias

A descolonização, iniciada ao final da década de 50, criou estados pluriétnicos na África. Esta pluriétnia gera, ao lado grupos religiosos divergentes, guerras inter tribais, no mais das vezes dentro das fronteiras “nacionais”. O exemplo da Bélgica é o mais complicado: enquanto dominou o povo congolês a ferro e fogo, quando chamada à descolonização criou estados mais a partir dos formatos fenotípicos do que sociais e étnicos.

Somália, Ruanda e Burundi (Hutus e Tutsis), Congo, Nigéria (Boko Haram), Uganda, são exemplos das guerras inter tribais e genocidas que acontecem desde a chamada descolonização.

Acontecimento 5 – Ucrânia: A guerra fria voltou?

Acontecimento 6 – Crise do Euro? Só?

Acontecimento 7 – E a primavera?

Acontecimento 8 – Manifestações: tudo começou em Davos

Acontecimento 9 – É só um chá conservador?

Acontecimento 10 – Francisco: quanto tempo ainda?

Acontecimento 11 – E o preconceito continua.

3. Análise estrutural

a. Estamos vivendo um momento histórico no qual tudo é atingido pela crise:

I- Valores

II- Instituições

III - A relação com o sagrado

IV – As estruturas políticas

V – As estruturas econômicas

b. As diversas denominações deste momento

I – Crise epocal ou Mudança de Época

II – Pós-Modernidade, Modernidade Tardia – Hiper-modernidade

III – Crise no Paradigma Civilizacional Burguês (ou Modernidade)

4. A Modernidade e suas utopias

a. Utopia 1 – O paraíso será aqui, agora. O progresso sem fim do Homem Racional

b. Utopia 2 – O Liberalismo. O progresso, o crescimento e a felicidade vêm pelo mercado livre de amarras e de exigências.

Bases: Adam Smith e David Ricardo na economia

Jeremy Bentham na ética utilitarista

John Locke na visão de propriedade e Estado

c. Utopia 3 – Socialismo Utópico, com C. Fourier, Proudhon

d. Utopia 4 – Socialismo Marxista, lançado por Marx e Engels em 1847/8

e. Utopia 5 – Social-Democracia, dissidência do socialismo revolucionário de Lenin

5. O desenvolvimento bi-secular da economia

- a. O **Liberalismo econômico** inicia sua trajetória na Europa com o fim das guildas, do poder dos artesãos, e a liberdade de produzir e organizar a produção de forma livre e sem as exigências anteriores. São suas bases, teóricas e práticas, a liberdade de produzir, o uso massivo das novas invenções, bem como o incentivo a que isto ocorra, e uma ética que lhe dá suporte, a ética utilitarista de Jeremy Bentham.
- b. O capitalismo é, ao mesmo tempo, forma econômica da visão de mundo burguesa, vitoriosa nos embates contra a aristocracia feudal, e usuário da razão instrumental instituída na Modernidade, e inicia sua caminhada na chamada Revolução Industrial, que inicia sua trajetória na Inglaterra do século XVIII.
- c. A necessidade de mão de obra para seus teares, a burguesia estabelece a chamada “Lei de Cercamento de terras”, através da qual os servos e pequenos proprietários foram expropriados de suas terras, indo para as cidades. O campo passou a ser dos grandes produtores de tecidos que tinham a posse das terras e os antigos habitantes passavam a ser mão de obra em suas indústrias.
- d. Vemos, então, desde o final do século XVIII a existência de homens e mulheres, de todas as idades, vivendo em condições desumanas, infectas, trabalhando 7 dias por semana e até 18 horas por dia, aí incluindo, muitas vezes, crianças.
- e. O **Socialismo Utópico** surge da indignação por parte de pensadores sociais, inclusive de leigos e leigas da Igreja Católica. Muitos criam ideias de como mudar a situação, pensando em novas formas de viver em comunidade, em conjuntos criados para isso. É o que se denominou, no final do século XIX, de Socialismo Utópico. Muitas experiências foram iniciadas, inclusive no Brasil. Todas, de certa forma, se findaram sem algum sucesso.

- f. O **Socialismo Marxista** é uma forma de pensar o capitalismo e sua supressão a partir de uma análise de sua origem e de seus mecanismos de redução dos trabalhadores em objetos. Vai mostrar que o capital se nutre do plus do valor da força de trabalho, chamando-o de mais-valia: quanto mais trabalhadores produzindo, mais aumenta o capital. A história é, para Marx, a história da luta de classes. Afirma que só se obterá sucesso com a ditadura do proletariado, ou seja, com o Estado e a produção econnas mãos dos trabalhadores, situação essa obtida através do processo revolucionário.
- g. **A Social-Democracia** é uma concepção social e política que se origina no marxismo. Inicia com Eduard Bernstein, no final do século XIX, e acredita nas conquistas obtidas através da melhoria da qualidade de vida, buscada na ação parlamentar e não na tomada de poder revolucionária. Busca a solução nas reformas sociais, na distribuição mais equitativa da riqueza gerada.

6. A disputa das utopias

O século XX foi o momento histórico da disputa das utopias. Eric Hobsbawn nos mostra isso em seu “A Era dos Extremos”, cujo subtítulo é “Breve História do Século XX, 1917-1991”. O título é bastante real em relação ao acontecido (neo-liberalismo x comunismo) e o subtítulo nos dá, exatamente, os dois momentos, o do início e o do fim de uma das utopias: as de esquerda.

1917 → Na revolução bolchevique o socialismo comunista aparece como proposta real de Estado.

1929 → Na grande crise e depressão do capitalismo desponta a contraposição aos extremos: o Keynesianismo (John M. Keynes), teoria econômica que contesta o liberalismo sem assumir a proposta marxista. É criado o conceito e a prática do “Welfare State” ou “Estado de bem-estar social”, aplicado principalmente na Europa, e aí, nos países escandinavos.

Década de 60 → O socialismo comunista vai mal. Muito embora se tenha grandes avanços no processo nas áreas sociais e também na disputa espacial, a produção fica cada vez mais aquém das necessidades, os avanços tecnológicos praticamente não existem na produção, além de ser um Estado policial e comandado por uma rede imensa de corrupção dos membros da chamada “nomenklatura”.

1968 → Nas grandes manifestações do “Maio francês” aparece a novidade da crítica, à esquerda como à direita. Mas quem sente o impacto é a esquerda que, ao longo do século, se tinha como única forma de viver o contra-capitalismo. O mundo cultural e político já não será mais o mesmo.

1970 → Inicia-se o terceiro momento da Revolução Industrial: o instantâneo, a velocidade, os meios de comunicação total e em tempo real, a ciência originada da razão instrumental. O capitalismo liberal, que estava premido pela esquerda radical comunista e pelo Estado de Bem-Estar Social, recomeça a avançar em sua premissa de Estado mínimo.

Década de 70 → Vendo a fraqueza da União Soviética, o capitalismo, principalmente comandado pelos Estados Unidos, anuncia um avanço em novas táticas e armamentos nucleares. Em verdade, quer forçar a URSS a exaurir suas forças já bastante debilitadas.

1980 → Com o socialismo em fase final, o neo-liberalismo de Thatcher, Reagan e a Escola de Viena (Hayek, Popper) estabelecem: FORA DO MERCADO NÃO HÁ SALVAÇÃO. Começa a redução ou mesmo o fim das ações do Estado nas políticas sociais, a redução ou mesmo a eliminação da tributação sobre os ricos, entre outras medidas. É o fim da visão social-democrata europeia, já que mesmo assumindo o Estado em eleições diversas, assumem, na prática, o neo-liberalismo. Os partidos ainda existem, mas sua prática não vai diferir do neo-liberalismo. Um exemplo disso é o governo de François Hollande na França.

1989-1991 → A quebra e o fim do Muro de Berlim já significa o ponto final do ideal comunista, que cai por terra em 1991, com a desintegração da URSS. É o “fim da história”, de Francis Fukuyama. É o fim das utopias de esquerda.

7. O domínio global e total do capital

a. A Ásia, que lutara por décadas contra os países capitalistas que os mantinham em semi-colonização, assume a visão capitalista em sua forma liberal. Parece se confirmar a frase de Marx no “Manifesto do Partido Comunista”: “A burguesia criou o mundo à sua imagem e semelhança”.

b. O desenvolvimento dos pontos da 3ª. Revolução Industrial permite:

I- globalizar a produção e o consumo;

II- globalizar o capital em sua forma financeira;

III- menor investimento na produção, mantendo o mesmo ritmo;

IV- buscar a força de trabalho aí onde é tratada como semi-escrava;

V - usar a globalização dos meios de comunicação para oprimir as culturas que adentram a modernidade, principalmente a asiática, a africana e parte da latino-americana;

c. Retomam-se as visões elitistas do liberalismo:

I-A elite domina porque tem tais condições, porque estudou para isso, porque trabalha duro, etc.

II- Mínimo de tributação do capital e de seus detentores, já que os tributos são canalizados, pelo Estado, para a fabricação de vagabundos. Vejam-se os programas sociais como o Bolsa Família.

III- A propriedade privada é intocável.

8. Alguns sinais para um outro olhar

Sinal 1 – Desemprego → 202 milhões de pessoas estão desempregadas;

Sinal 2 – Desigualdade → 85 ricos somam tanto dinheiro quanto 3,5 bilhões de pessoas(OIT);

Sinal 3 – Concentração de renda → Os 10 mais ricos da Europa mantêm fortuna de cerca de US\$ 200 bilhões.

9. O motivo de tanta concentração

A concentração de renda demonstrada acima aconteceu porque, fazendo do Estado um empregado de seus interesses, a elite o levou a desenhar regras no sistema que a favorecem. Por isso afirma-se que

“Governar para as elites significa sequestro democrático e desigualdade econômica.”

Entre as políticas desenhadas nos últimos anos, e que favorecem a minoria, podemos enumerar:

- Desregulamentação e opacidade financeira;
- Os paraísos fiscais;
- A redução de impostos para as rendas mais altas;
- Os recortes de despesas em serviços e investimentos públicos.

A crise financeira porque passa a Europa, comandada pelo mercado financeiro, exige o retorno dos seus investimentos e a austeridade em políticas econômico-sociais. Estas medidas atingiram em cheio as classes média e baixa, com desemprego, redução de salários e de direitos, enquanto os grandes investidores se aproveitaram dos planos de resgate público.

10. A Crise da Utopia

Ao longo do século XX as mais diversas formas de construção do Estado e sua relação com as diversas classes sociais foram objeto de disputas do que estamos chamando de Utopias. A primeira, que deixou de ser significativa e se reduziu ou reduz a pequenos guetos, é a que chamamos de “Socialismo Utópico, muitas vezes igualada à visão de que o Estado tem que desaparecer, os anarquistas.

A Social-Democracia, criadora do Estado de Bem Estar Social, foi implantada, inclusive com a aceitação do capital, como um contraponto ao comunismo, vitorioso na 2ª. Guerra e olhado como um sonho por segmentos muito grandes das sociedades (dar o dedo para não perder a mão). Mas a partir da década de 80, como vimos, seus governos caem na postura neo-liberal, cortando gastos e políticas sociais, rendendo-se ao capital financeiro. Vejam-se as medidas tomadas pelos estados europeus.

Por fim, com o fim do Muro de Berlim e a desintegração da URSS, bem como com o conhecimento dos problemas sociais e econômicos mantidos em silêncio por décadas, fizeram com que a utopia de um mundo sem classes fosse abandonada.

Assim, a única das utopias, nascidas da visão de mundo da modernidade, que se mantém viva e dominante é o Liberalismo.

Dados os imensos problemas sociais e econômicos do liberalismo, mostrados acima, fica sempre a pergunta: **PARA ONDE VAMOS?** O liberalismo mostrou-se uma falácia tanto quanto o que diz em relação ao crescimento econômico como na distribuição de rendas. Ao contrário, ao crescimento econômico se contrapõe o crescimento da riqueza dos mais ricos, que, contrariamente ao que anuncia, não investem na produção mas na volatilidade dos papéis financeiros. Quanto à distribuição mais justa de renda, também demonstramos acima que o capital, colocando o Estado a ser serviço, constrói políticas de enriquecimento dos mais ricos à custa o empobrecimento dos mais pobres.

11. Ouvindo Francisco

Em sua exortação apostólica “Evangelii Gaudium”, em seu capítulo II, o papa Francisco, com aquilo que ele mesmo denomina de “olhar evangélico”, faz a crítica violenta ao atual sistema econômico.

A ELITE DETERMINA → A RALÉ É O RESTO

“Não a uma economia de exclusão”

“ESSA ECONOMIA MATA!”

Tal posicionamento grangeou-lhe inúmeras e violentas críticas, inclusive de setores católicos conservadores. Jornais defensores do modelo vigente não pouparam páginas de críticas.

Infelizmente, também no interior da Igreja, ao mesmo tempo em que sua fala ecoava, vozes discordantes e até favoráveis ao neo-liberalismo, se faziam ouvir inclusive em Roma.

12. Um exército contra qualquer mudança

Não só no Brasil, mas em todo o mundo, temos instituições e instrumentos que fazem parte do arsenal de luta do capital e as elites suas detentoras.

1. A Grande Mídia e os jornalistas a elas ligados.

Lembremo-nos de que logo após a exortação do papa Francisco, jornais americanos e ingleses, e redes de televisão entraram em campo com críticas imensas e algumas até levando a palavra do papa para o lado da insensatez.

No Brasil vemos jornais criticarem o crescimento do PIB nacional, chamando-o de “pibinho”, ao mesmo tempo em que anunciam com trompas e circunstâncias a redução de 0,1% no desemprego espanhol, que hoje está perto dos 30% para todos e que alcança os 50 para os jovens.

Porta-voz das elites econômicas e sociais, eles anunciam terremotos se tal ou qual medida não for tomada, ou, ao contrário, anunciam fugas pessoais, de capital e de empresas se tal ou qual medida ou legislação for aprovada.

2. A Democracia Representativa e o Estado e o parlamento que ela cria.

Parodiando uma frase muito citada, temos o melhor Estado e o melhor congresso que o dinheiro pode comprar.

3. A instabilidade dos parques fabris.

É certo que temos, hoje, uma instabilidade na localização das plantas fabris. A mudança da fábrica para as regiões do mundo onde a mão de obra é quase escrava, onde a tributação praticamente não existe, e onde o dinheiro pode comprar o Estado e o Parlamento, é sempre uma possibilidade e continuamente brandida contra os governantes, caso estes tenham a tendência de oneração e tributação, ou caso não queiram tomar medidas desejadas pelo capital para o seu incremento.

4. O judiciário

Em todo o mundo (não é, portanto, caso só brasileiro) o judiciário pertence às elites e está a seu serviço. Vejam-se os casos de Honduras (Zelaya) e Paraguai (Lugo), depostos por golpes de Estado sancionados pelo judiciário.

Veja-se a sentença dada por um juiz americano contra o governo argentino no caso dos chamados “fundos abutres”, atitude criticada até pelos organismos internacionais ligados ao capital.

E O BRASIL COM ISSO TUDO?

1. O contexto latino-americano

1.a. Uma história a partir das elites

1.b. Século XXI na América Latina

1.c. O desejo das elites: o retorno ao passado

I- A mídia

II- O Judiciário

III- O processo político

2. As manifestações

Vivemos, no Brasil e no mundo, um momento conjuntural porém histórico que pode ser visibilizado através de uma definição que abrange várias formas de agir: as manifestações, no mundo inicialmente e no Brasil.

2.1. No Mundo e no Brasil

Na Islândia, em 2008. a revolta da população contra os dirigentes do governo foi imensa, já que estes estavam propensos a aceitar as exigências do sistema financeiro internacional, que causaria empobrecimento, redução dos serviços públicos e desemprego. Insultos e exigências de grandes mudanças e prisão para os ministros geraram um novo país, com uma nova constituição. Este foi o exemplo seguido pela classe trabalhadora nos demais países chamados a assumir as mesmas políticas de arrocho: Grécia, Espanha, Portugal.

Na Tunísia, em 2010 um jovem tunisiano ateou fogo em si mesmo, fazendo com que as brasas sociais encobertas viessem à luz com protestos imensos, o que fez com que o presidente tunisiano, há 23 anos no poder, renunciasse. Foi o início do que se chamou Primavera Árabe. O movimento se alastrou, enchendo com milhões as praças do Egito, levando Mubarak, 30 anos no poder, para o julgamento. Esses exemplos foram levados, de forma

um pouco diferente, para a Líbia, cujos protestos, ajudados por uma ação imperial em busca do petróleo líbio, tirasse Kadafi do poder, onde se assentara há mais de 42 anos. Por fim, os jovens primaveris apeavam o penúltimo ditador, o do Iêmen. Se não houve continuidade na Síria, aí o problema é outro, mais grave e complicado.

A chamada Primavera Árabe aconteceu no mundo islâmico o qual não se encontrou, ainda, com a Modernidade. Embora este paradigma civilizacional já tenha séculos, a estrutura religiosa que comanda seus países ainda não assimilou nada, ou quase nada, dos valores positivos da modernidade: laicidade das pessoas e do Estado, direitos, igualdades, principalmente entre os sexos, na família, e outros mais. Só para se ter um exemplo, após as imensas manifestações em suas praças, e após o sucesso com a derrubada do ditador Mubarak, eleições livres e diretas levaram Morsi ao governo. Líder da Irmandade Muçulmana, pareceu querer levar ao Estado preceitos da Sharia, a regra de vida do Islã. Nova revolução!

Não nos esqueçamos das ações juvenis no próprio jardim do Império: o Occupy Wall Street. Absolutamente diferente do ambiente islâmico do norte da África, mas inspirados por eles, os jovens americanos também fizeram sua parte. Mostram-se cansados da democracia que têm, estruturada pelo capital. Occupy Wall Street foi uma ação de jovens que tinha caráter de denunciar as desigualdades sociais e econômicas no Império americano, a corrupção e a absoluta influência do capital nos processos eleitorais. Começou em setembro de 2011 e durou vários meses. De certa forma, é a cidadania política plena que buscaram, de tal forma que Stiglitz, nobel em economia, afirmou naquele momento ter o movimento também algo de revolucionário.

Também na América Latina, e mais próximos de nós, as manifestações nos meses de junho e julho de 2013, aqui no Brasil, a ebulição social existe. E como nos casos anteriores, o uso das redes sociais é uma das características que os une. Na América Latina e principalmente no Brasil, as motivações e os grupos que vão às ruas precisam de uma análise mais profunda, pois são fruto de uma série de sentimentos de melhorias que foram e estão sendo abatidos pela realidade sócio-política econômica que está sendo desenvolvida. Vejamos este caso mais de perto.

2.2. A busca do NOVO por novos sujeitos históricos

Estes movimentos juvenis são paradigmáticos de muita coisa que está acontecendo, mas que podemos agrupar sob a denominação de “Crise no Paradigma Civilizacional da Modernidade”. Com suas nuances, é claro! Às vezes pode-se ver nisso tudo movimentos muito distintos, o quê, em verdade, não é.

Evidentemente que manifestações populares não são uma novidade. São uma constante no mundo da democracia, no qual são comuns há mais de um século. Entretanto, nos últimos 15 anos, as manifestações de cidadãos, principalmente de jovens, podem ser caracterizadas, numa busca de sistematização, por:

- a. Não têm visão ideológica fechada, ou seja, não são chamadas ou comandadas por grupos politicamente estruturados através de determinada visão de mundo, seja ela considerada de “esquerda” ou de “direita”.
- b. Elas têm como crítica central o modelo econômico, a concentração de renda e riqueza, o empobrecimento e o afastamento de uma massa imensa de homens e mulheres em todos os países, e a constituição de uma elite que detém, praticamente, o resultado de toda renda produzida no mundo.
- c. Não há um projeto alternativo nem de sociedade nem de política econômica. Não querem o que aí está, lutam por temas específicos, mas não há modelos para o que desejam que venha.
- d. Demonstrem, por outro lado, a falência do que se pode denominar Democracia Representativa. Agem por fora das representações oficiais, partidos políticos, sindicatos, associações diversas, chegando até ao ponto de afastar participantes que exprimam suas colorações partidárias.
- e. Denunciam, desde as manifestações contra Davos ou mesmo antes, em Seattle, o Estado sempre a serviço do poder econômico, bem com os aparatos de que dispõe, como os aparelhos policiais dos quais têm sido sempre vítimas. Lembremo-nos de que foram as manifestações contra a governança global por parte das corporações do capital produtivo e ou financeiro que originaram o Fórum social Mundial em Porto Alegre e hoje disseminado.

Propomos, pois, que se parta de uma afirmação: o Estado Nacional, a Democracia hoje praticada, não mais responde aos anseios de um grupo imenso de homens e mulheres, e não só jovens, que, insatisfeitos dos canais que este mesmo Estado e esta mesma Democracia colocam para a cidadania, expressam-na através das manifestações. Insatisfeitos também com a forma de agir dos partidos do amplo espectro político-partidário no Brasil e no mundo, vão para as ruas exigindo, de forma direta, as mudanças que acreditam necessárias.

Mas ainda se faz necessária a pergunta: QUE PROJETO TEMOS?

3. A busca de uma Reforma Política

3.1. Porque lutar por uma Reforma Política

Vamos listas e refletir sobre elementos que pertencem ao nosso Momento Histórico e que estão entre os grandes motivos de uma busca por uma mudança radical no processo político-partidário e na forma de representação política que temos.

- a. A falência das utopias de esquerda
- b. Descrença na Democracia – As manifestações mundiais e brasileiras, em parte, apontam para isso – Reinício das lutas? De quem?
- c. O sistema é centrado na **representação** e a **democracia direta** é pouco incentivada.
- d. O Judiciário se mostra corrupto e **inacessível**
- e. Os **meios de comunicação** estão nas mãos de uma elite
- f. A busca da governabilidade elimina programas e satisfaz os interesses dos membros do Congresso – Fisiologismo
- g. Desafio: que projeto temos?

3.2. O que queremos quando falamos de Reforma Política?

Basicamente queremos mudanças profundas no Sistema Político Brasileiro, em suas duas dimensões: eleitoral e política;

- **Dimensão Eleitoral** busca reestruturar o processo eleitoral e suas regras vigentes;
- **Dimensão política** busca a reestruturação de todo o sistema político, o funcionamento das estruturas e como a elas chegar. Envolve o sistema eleitoral, mas também mudanças no Judiciário, meios de comunicação, democracia participativa (conselhos e fóruns) e democracia direta (referendos, plebiscitos, iniciativa popular de lei, etc.). Em última instância, a Reforma Política é a reforma do Poder e da maneira de exercê-lo.

Como já dissemos, o que temos é única e exclusivamente a Democracia Representativa, na qual o direito dos eleitores termina quando ele tecla “Confirma” na urna eletrônica. A partir daí o eleito tudo pode, inclusive trair seus representados. Nosso sistema eleitoral privilegia o sistema representativo. Os mecanismos de participação direta dos cidadãos (Plebiscito, referendos e iniciativa popular de lei) são pouco incentivados. Por outro lado, a democracia participativa (conselhos e fóruns da sociedade civil) se mostra burocrática e cada vez mais ineficiente. Muitas lideranças acabam cooptadas pelos governos;

Temos hoje mais de 30 partidos, que são criados principalmente para servirem de trampolim aos desejos daqueles que os constroem, inclusive financiando sua construção. Não são, em sua imensa maioria, ideológicos e seus programas inscritos são simples afirmações sem sentido. Afinal, raramente se vota no partido, e isto quando se tem consciência. Na quase totalidade das vezes, vota-se no candidato sem nem saber ou sem dar importância ao partido que ele representa.

Um dos motivos da criação de partidos é o de alavancarem candidatos e construir coligações no mais das vezes pragmáticas e que geram grandes valores aos seus donos.

Uma forma de ganhar muito dinheiro nas eleições é aceitar e buscar, no financiamento de suas campanhas, as grandes empresas. Não é necessariamente para a campanha. Mas seu mandato, em seguida, será sempre em favor dos interesses de seus financiadores. Assim o é claramente hoje com o representantes do agronegócio e das empresas de agrotóxicos e de sementes industrializadas.

Como exemplo disso, veja-se que na representação no Congresso 53% dos eleitos são empresários; 31% ruralistas; 12% são da bancada evangélica e 17% representam os trabalhadores.

3.3. As duas propostas não excludentes

Duas iniciativas complementares estão em curso:

I. **Coalizão pela Reforma Política Democrática e Eleições Limpas**

A COALIZÃO junta, hoje, a CNBB, a OAB, as duas forças majoritárias no campo popular, MCCE e Plataforma, e mais de 50 entidades, entre as quais o CNLB, e apresenta os principais pontos:

- a. **Proibição do financiamento de campanha por empresa.** Instauração do financiamento democrático de campanha, constituído do financiamento público e de contribuição de pessoa física limitada a R\$ 700,00.
Uma amostra desse perigo: Das 500 candidaturas mais caras a deputado federal em 2010, 389 foram eleitas. O custo médio para eleger um deputado é R\$ 15 milhões.
Outra amostra: Em 2008, as empresas doaram 86% dos recursos totais da campanha eleitoral. Em 2010, 91%, e, em 2012, 95%
Esta questão já foi definida pelo STJ quando votou favorável a uma ação de inconstitucionalidade interposta pela OAB. Só não valerá para estas eleições de outubro porque o Ministro Gilmar Mendes pediu vistas, mas pó seu voto, quando dado, não mudará nada.
- b. **Adoção do sistema eleitoral do voto dado em listas pré-ordenadas**, submetidas a **dois turnos de votação**, pelo qual o eleitor inicialmente vota no partido e posteriormente escolhe individualmente um dos nomes da lista;
- c. **Alternância de gênero** nas listas mencionadas no item anterior;
- d. Regulamentação dos instrumentos da **Democracia Participativa**, previstos no art. 14 da Constituição (plebiscito, referendo, lei de iniciativa popular), buscando formas de facilitar o seu uso e a sua chamada;
- e. Modificação da legislação para **fortalecer os partidos**, para democratizar suas instâncias decisórias; para impor programas partidários, assegurar a fidelidade partidária, considerar o mandato como pertencente ao partido e não ao mandatário;

II - Plebiscito Popular por uma Constituinte, exclusiva e soberana

Trata-se de uma Consulta à população, se ela é a favor ou não de uma **Constituinte Exclusiva e Soberana do Sistema Político**, que é organizada por movimentos sociais de todo Brasil e vai acontecer na semana da pátria (01 a 07 de setembro de 2014);

4. Eleições de outubro

Depois de um governo de centro esquerda do PT, as eleições de outubro se revestem de uma importância fundamental. São muitas as posições frente às opções a serem tomadas. Vejamos algumas, sem a preocupação de aprofundamento mas apenas de citação.

- 4.1. A elite e as classes médias querem o fim do governo atual pois têm uma visão ideológico-econômica divergente. Para esses grupos, as medidas sociais, e econômicas adotadas pelo governo impedem o verdadeiro crescimento. Levantam as bandeiras do liberalismo econômico: redução dos programas sociais;

redução dos encargos trabalhistas na folha de pagamentos; desregulamentação das atividades produtivas e financeiras,... Como têm dificuldade de colocarem suas bandeiras declaradamente, assumem uma postura ética, levantando a bandeira da anti-corrupção, etc.

- 4.2. Por outro lado há grupos que afirmam que o que as elites empresariais e do capital financeiro querem o atual governo já está fazendo. Assim, é necessário ir para a esquerda, em busca dos verdadeiros projetos das classes trabalhadoras.
- 4.3. Grupos existem que afirmam que o governo atual é presa do agronegócio e de empresas afins. São contrários aos grandes projetos como as hidrelétricas e a transposição do São Francisco, entre muitas outras críticas. No bojo de tal crítica acrescenta-se o problema indígena, da terra, da agricultura familiar, etc. Para tais grupos não se pode votar no menos-pior, mas naquele ou naquela que vão levar a cabo os nossos projetos.
- 4.4. Há grupos que veem no atual governo muitos problemas, principalmente com relação aos projetos da esquerda. Entretanto acreditam num avanço político-econômico-social com a continuidade, além de acreditarem na sua credibilidade.

Entre os diversos grupos críticos à esquerda do atual governo de centro-esquerda não há muita discussão da consideração estratégica de sua conduta. Alguns insistem em que votar contra o atual governo é fazer o jogo da direita, da elite, que quer voltar ao poder. Outros, entretanto, não se preocupam com a vitória, mas com a manifestação de seu posicionamento contrário.

CRISE DA UTOPIA

Uma nova visão de mundo

1.A Crise das Utopias

2. Imersos numa visão de mundo (cultura)

- 2.1. Características dessa visão de mundo
- 2.2. Como foi construída essa visão de mundo

3. Construir uma nova visão de mundo

- 3.1. Alguns pontos dessa nova visão de mundo
- 3.2. Como construí-la

4. Trazer Gramsci para a conversa